

A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM VITÓRIA/ES

Lilian Coutinho Yacovenco^{*1}
Cristiana Aparecida Reimann do Nascimento^{**2}

Resumo: A negação sentencial é um fenômeno linguístico comum a todas as línguas do mundo e cada uma delas apresenta estratégias próprias para sua realização. No português brasileiro (PB), há três estratégias de negação: 1) negação pré-verbal (Não+SV); 2) a dupla negação (Não+SV+Não) e 3) a negação pós-verbal (SV+Não). Com base num *corpus* composto por dezoito entrevistas extraídas da amostra PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*), que tem por parâmetros sociais o gênero/sexo do falante, sua faixa etária e seu nível de escolaridade (YACOVENCO et al., 2012), na proposta de Schwenter (2005) sobre as restrições discursivo-pragmáticas da negação no PB e à luz da Sociolinguística Variacionista, analisamos a variação das três estruturas de negação com o intuito de entender quais fatores influenciam os usos das formas negativas e verificar os contextos dessa variação, visando ampliar a compreensão das restrições para a escolha das variantes e situar, a partir desse fenômeno, a variedade capixaba no cenário do PB.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista, Negação, Português falado em Vitória.

Abstract: Negative sentence is a common linguistic phenomenon in all languages of the world and each language has its own strategies for its expression. In Brazilian Portuguese (BP), there are three strategies: 1) preverbal negative (Negative + SV); 2) double negative (Negative+ SV+Negative) and 3) postverbal negative (SV + Negative). We analyzed the variation between the three structures of negative in a *corpus* composed of eighteen interviews extracted from Portuguese Spoken in Vitória/ES (PortVix), a sample in which speakers are distributed on gender/sex, age and level of education (YACOVENCO et al., 2012). The analysis is based on discursive-pragmatic constraints of negative sentence in BP proposed by Schwenter (2005) and on the Sociolinguistics Variationist Theory (LABOV, 2008 [1972]). We aim to understand the factors that influence the use of negative forms in Vitória and the restrictions of the use of each variant. We intend to put light on the variety spoken in Vitória, that is confronted with another varieties of BP.

Keywords: Variationist Sociolinguistics, Negative Sentence, Portuguese spoken in Vitória.

¹Professora Doutora de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: liliyacovenco@yahoo.com.br.

²Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rc.cristiana@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, à luz da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), pretende analisar a variação de uso das três estruturas de negação presentes no português brasileiro (PB), especificamente no português falado na cidade de Vitória. Nosso objetivo é analisar, num *corpus* composto por dezoito entrevistas extraídas da amostra PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*)(YACOVENCO et al, 2012), as construções negativas e identificar as variáveis que atuam sobre o fenômeno investigado. As três estratégias de negação verbal presentes no PB podem ser caracterizadas da seguinte forma³: a negação pré-verbal (Não+SV) (*Ah, não tem a vida muito boa, sei lá*); a dupla negação (Não+SV+Não) (*Compraria carro também, só que eu não tenho idade ainda não*) e a negação pós-verbal (SV+Não) (*Alimentação é normal. Tem nada de regime de nada não*).

A variação das três estruturas de negação no PB tem sido objeto de pesquisas de diferentes perspectivas teóricas em algumas regiões do Brasil. Destacamos as de Roncarati (1996), Furtado da Cunha (1996, 2000), Alkmim (2001), Rocha (2013) e Goldnadel et al. (2013), cujos resultados são relevantes para nossa pesquisa, pois nos permitem verificar variáveis que favorecem o uso de cada uma das variantes em diferentes variedades linguísticas, além de nos permitirem verificar o alinhamento da fala capixaba em relação a outras localidades urbanas no cenário do PB.

Notamos que as três estruturas negativas possíveis, apesar de distintas, apresentam o mesmo significado proposicional negativo nas três sentenças. Há, portanto, apenas diferenças quanto à posição do advérbio *não* na sentença. Em outras palavras, a estrutura utilizada em cada uma das sentenças poderia ser substituída por uma das outras, sem haver prejuízo em seu significado negativo. Estamos, portanto, diante de um caso de variação linguística.

Todavia, o fato de as três estruturas negativas serem intercambiáveis nestes trechos de entrevistas não implica dizer que as diferentes estruturas negativas possam ocorrer em qualquer contexto comunicativo. Schwenter (2005) analisou construções negativas do português brasileiro e constatou que a dupla negação e a negação pós-verbal apenas são alternativas possíveis quando conteúdo negado é ativado no discurso, isto é, segundo o autor, essas duas estratégias só são possíveis se houver um gatilho anterior. Por outro turno, de

³Todos os exemplos foram extraídos da amostra PortVix.

acordo com Schwenter, se a proposição negada apresentar o estatuto de uma informação nova, somente a negação pré-verbal pode ser empregada.

Desse modo, na análise sobre os usos das estruturas negativas na fala capixaba, consideramos apenas os contextos em que elas funcionam como formas variantes, ou seja, contextos em que a informação negada é discursivamente ativada.

A partir da delimitação das variáveis consideradas relevantes para a análise do fenômeno em tela, acreditamos que podemos contribuir com as pesquisas que têm sido feitas em outras localidades e ampliar a compreensão dos fatores que regulam a variação da negação, além de situar a variedade linguística capixaba no cenário do PB.

Assim, este trabalho visa a contribuir para o melhor entendimento da variação linguística relativa ao uso das estratégias de negação verbal no português falado na cidade de Vitória. Possibilita, também, a comparação dos resultados encontrados com os de outros estudos que analisam o mesmo fenômeno em outras variedades, evidenciando, assim, o comportamento do capixaba em relação a esse aspecto linguístico.

2 ESTRUTURAS NEGATIVAS: FORMAS VARIANTES?

Em uma pesquisa variacionista, a equivalência semântica entre as variantes é o requisito fundamental que permite analisar diferentes formas como variantes. A equivalência semântica se define, segundo Labov (2008, p. 313), quando o valor de verdade é idêntico, mesmo que as variantes sejam distintas em seu valor social ou estilístico.

No âmbito da fonética/fonologia, a noção de equivalência semântica é mais nítida, uma vez que a variação na pronúncia de uma palavra não interfere em seu significado. Em outros campos de estudo, porém, a equivalência semântica entre as formas alternantes é menos evidente. Todavia, conforme explicita Labov (1978), a sociolinguística variacionista também analisa fenômenos de outros níveis linguísticos. Em muitas variáveis sintáticas, não há problema algum em estabelecermos igualdade de significado, pois “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade” (Labov, 1978, p.2). Assim, conforme esclarece o próprio Labov (1978), é preciso isolar os contextos em que as formas sejam variantes e identificar um mesmo valor de verdade.

Dessa forma, para o estudo das estruturas negativas como variantes, é necessário definir os contextos em que elas possam ser empregadas como formas alternantes. No exemplo (1) podemos considerar que as três estruturas de negação têm o mesmo significado, ou seja, é

possível substituir uma forma negativa por outra sem alterar o valor de verdade das variantes, conforme verificamos nos trechos reescritos em (2):

(1) E2 – Ué... tava todo mundo falando que não dói.

Falante.: Superficial **não** dói, mas a verdadeira chinesa nossa! Dá choque e dói.

(2) a. Falante.: Superficial **não** dói **não**, mas a verdadeira chinesa nossa! Dá choque e dói.

b. Falante.: Superficial dói **não**, mas a verdadeira chinesa nossa! Dá choque e dói.

Contudo, há casos em que a substituição de uma forma por outra pode não ser possível. Conforme afirmado por Schwenter (2005), há contextos em que as três variantes não são igualmente possíveis. O autor analisou ocorrências de negação no PB e revelou a existência de diferenças pragmáticas entre as três formas negativas que seriam determinadas pelo estatuto discursivo (velho/novo) da informação que está sendo negada. Nesse caso, a dupla negação e a negação pós-verbal seriam alternativas possíveis apenas quando o conteúdo negado tivesse sido ativado no discurso. Por outro turno, se a proposição negada apresentar um estatuto de uma informação nova, somente a negação pré-verbal pode ser empregada.

Em outras palavras, as três formas negativas não são intercambiáveis em qualquer contexto. Para Schwenter, a negação pré-verbal não apresenta restrições e pode ser empregada sempre que for possível o uso de dupla negação e de negação pós-verbal. Todavia, o contrário nem sempre é possível, pois o ocorre dupla negação ou negação pós-verbal quando o conteúdo que está sendo negado já tiver sido explicitado na interação. Quando a proposição negada traz informação nova no discurso, essas estratégias não são possíveis.

Portanto, a dupla negação e a pós-verbal, segundo Schwenter (2005), seriam mais limitadas que pré-verbal, requerendo que a informação negada seja ativada no discurso, como é o caso de (3), abaixo, em que o falante retoma parte do conteúdo ativado na fala do entrevistador e tem licenciada a negação pós-verbal:

(3) E1 – Você **tem medo**?

Falante.: **Tenho não**.

Assim, de acordo com Schwenter (2005), a forma canônica pode ser usada em todos os contextos, enquanto a dupla negação e a negação pós-verbal só podem ser empregadas para negar informações que foram anteriormente ativadas no contexto discursivo, sendo a negação pós-verbal restrita a contexto com informação explicitamente ativada (informação evocada).

Rocha (2013), com base na proposta apresentada por Schwenter (2005), analisou as restrições discursivo-pragmáticas relativas à negação no português paulistano e constatou que a negação pós-verbal também pode ocorrer em situações inferíveis. Desse modo, diferentemente da proposta de Schwenter (2005), Rocha afirma que ambas as variantes são possíveis nos mesmos contextos discursivos-pragmáticos, isto é, com proposições evocadas e inferíveis.

A análise aqui proposta está baseada na proposta de Rocha: considera que a dupla negação e a negação pós-verbal ocorrem tanto diretamente ativadas (informações evocadas) ou indiretamente ativadas (inferíveis).

2.1 O contexto de variação

O envelope de variação para o uso das estruturas de negação no português falado em Vitória/ES foi definido com base no modelo de restrições discursivo-pragmáticas de Schwenter (2005), levando em consideração, conforme dito acima, a análise de Rocha (2013) sobre a possibilidade de ocorrência de negação pós-verbal quando a proposição negada é inferível no discurso.

Conforme verificamos no exemplo (4), em nossa pesquisa encontramos casos de negação pós-verbal também com proposições inferíveis:

(4) E 1 – E você ... ela... não quis mais namorar, continuar?

Falante.: Não, não ... **ela mora aqui não.**

Com relação à ocorrência de informação nova no discurso, em nossos dados encontramos apenas 15 casos e todos registrados com negação pré-verbal.

Dessa forma, retiramos da análise quantitativa os casos em que a informação negada é nova no discurso, pois são situações em que a regra é categórica, ou seja, não há variação, seguindo, assim a proposta de Labov (1978).

Assim, na análise da negação no português falado em Vitória/ES, são consideradas as sentenças com informações evocadas (diretamente ativadas) e inferíveis (ativadas indiretamente), as quais comportam o uso variável das três estruturas negativas, delimitando assim o contexto de variação.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa segue os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), que estuda a língua em uso e reconhece a variação como inerente à língua, porém a compreende como sistemática e regular no sistema linguístico. A língua, portanto, apresenta uma heterogeneidade ordenada.

A variação e a mudança linguística podem ser motivadas tanto por fatores internos quanto externos à língua, de modo que os fenômenos variáveis podem ser descritos e explicados por restrições de natureza linguística e social.

Os pressupostos teóricos utilizados pela abordagem variacionista permitem identificar regularidade e sistematicidade na fala cotidiana, uma vez que as línguas são eminentemente sociais e, não devem, portanto, ser estudadas sem a consideração das restrições sociais sobre a variação linguística, pois “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua.” (LABOV, 2008, p. 43).

Para a análise das estruturas de negação, o presente estudo toma por base o banco de dados do Projeto PortVix (Português Falado na Cidade de Vitória) fundamentado nos moldes da Sociolinguística Laboviana. Este projeto gravou, entre 2001 e 2003, quarenta e seis entrevistas com pessoas nascidas em Vitória, divididas segundo as variáveis relativas ao sexo/gênero do falante, à sua faixa etária e à sua escolaridade, e distribuídas aleatoriamente pelas sete regiões administrativas da cidade (YACOVENCO et al., 2012).

Para nossa pesquisa, utilizamos um *corpus* composto por 18 entrevistas, das 46 que compõem o PortVix. As variáveis sociais analisadas são gênero/sexo (masculino e feminino), escolaridade (Fundamental, Médio e Universitário) e faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 49 anos), conforme explicitado no quadro 1:

Quadro 1: Distribuição das células no estudo

| (faixa etária [®]) | 15-25 | | 26-49 | | 50-... | | |
|-------------------------------|-------|---|-------|---|--------|---|-----|
| | H | M | H | M | H | M | |
| Ensino Fundamental | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | =6 |
| Ensino Médio | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | =6 |
| Ensino Universitário | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | =6 |
| Número total de entrevistados | | | | | | | =18 |

Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

A variável dependente é a negação na fala de Vitória que se apresenta sob a forma de três variantes: negação pré-verbal (Não+SV), dupla negação (Não+SV+Não) e negação pós-verbal (SV+Não).

As variáveis independentes são compostas por fatores de natureza: a) social, como o gênero/sexo, a faixa etária e a escolaridade dos entrevistados, b) discursivo-pragmática, como o *status* informacional do discurso (informação nova, inferível e evocada), o tipo de sequência discursiva (sequências dialogais, sequências avaliativas, sequências narrativas de fatos pessoais, sequências narrativas de fatos não pessoais, sequências descritivas e sequências argumentativas), ausência ou presença de reforço negativo (*nem, nenhum, nada, nunca, ninguém e nem nada*) e c) sintática, como o tipo de oração (absoluta, coordenada, principal e subordinada), presença ou ausência de marcador conversacional (*né? sabe? entendeu?*) e o tipo de sujeito (explícito, implícito e inexistente).

Os grupos de fatores linguísticos e sociais definidos para a elaboração da pesquisa nos permitem buscar explicações para a ocorrência de um fenômeno variável e compreender quais variáveis influenciam o uso de uma estrutura negativa em relação à outra.

No presente estudo, apresentamos apenas os resultados relativos às variáveis discursivo-pragmáticas (*status* informacional do discurso, tipo de sequência discursiva, ausência/presença de reforço negativo) e sintático-discursivo (ausência/presença de marcador discursivo)

4 RESULTADOS

A tabela 1 mostra a distribuição das estruturas de negação usadas na cidade de Vitória/ES. Como podemos observar, a dupla negação representa 21,1% em um total de 2.263 dados analisados.

Tabela 1: Distribuição das construções negativas na fala de Vitória

| Variantes | Frequência absoluta | Frequência relativa |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
|------------------|----------------------------|----------------------------|

| | | |
|--------------------|------|--------|
| Negação pré-verbal | 1751 | 77,4% |
| Dupla negação | 478 | 21,1% |
| Negação pós-verbal | 34 | 1,5% |
| Total | 2263 | 100,0% |

Podemos notar que os capixabas da cidade de Vitória/ES usam preferencialmente a negação pré-verbal. Entretanto, há uma frequência considerável de dupla negação (21,1%) e a negação pós-verbal é frequente nesta comunidade (1,5%). Tal construção costuma apresentar, conforme se verá adiante, uma frequência mais limitada na maioria das variedades do PB, sendo considerada uma forma mais recorrente nas variedades nordestinas.

A fim de manter as três variantes na análise e poder verificar quais fatores influenciam a cada uma das formas e tendo em vista que o Goldvarb X é um programa que permite apenas rodadas binárias e que nossa variável dependente é uma variável eneária, isto é, possui três variantes, realizamos três rodadas binárias com o intuito de contrastar as formas e verificar quais variáveis são estatisticamente relevantes para cada uma das variantes testada em contraste com as outras duas amalgamadas. Assim, as rodadas foram realizadas da seguinte forma:

1º rodada: Negação pré-verbal *versus* dupla negação + negação pós-verbal;

2º rodada: Dupla negação *versus* negação pré-verbal + negação pós-verbal;

3º rodada: Negação pós-verbal *versus* dupla negação + negação pré-verbal.

Em nossa pesquisa, a variação de uso das estruturas negativas revelou-se um fenômeno bastante marcado em termos discursivo-pragmáticos e sintático-discursivos, como se verá adiante.

4.1 Tipo de Sequência Discursiva

O tipo de sequência discursiva é uma variável de extrema relevância para o uso das estruturas negativas. Revelou-se a mais influente e a única a ser selecionada para as três variantes nas três rodadas efetuadas. Inicialmente trabalhamos com seis tipos de sequências discursivas. Tivemos, entretanto, *knockouts* (células vazias) para alguns fatores e, para eliminar esses casos, amalgamamos as sequências narrativas de fatos pessoais, as sequências

narrativas de fatos não pessoais e as sequências descritivas como um único fator, por serem linguisticamente semelhantes. Vejamos a tabela 2:

Tabela 2: Efeito da sequência discursiva sobre as variantes

| Grupo | Fatores | PRÉ-VERBAL rodada 1 | | | DUPLA NEGAÇÃO rodada 2 | | | PÓS-VERBAL rodada 3 | | |
|------------------------------|----------------|------------------------|------|-----------------------|---------------------------|------|-----------------------|------------------------|-----|-----------------------|
| | | N | % | PR | N | % | PR | N | % | PR |
| Tipo de Sequência discursiva | Dialogais | 160 | 46,8 | .20 | 164 | 48,0 | .78 | 18 | 5,3 | .83 |
| | Avaliativas | 403 | 76,8 | .46 | 115 | 21,9 | .54 | 7 | 1,3 | .56 |
| | Narrativas | 800 | 84,0 | .58 | 146 | 15,3 | .43 | 6 | 0,6 | .37 |
| | Argumentativas | 388 | 87,4 | .63 | 53 | 11,9 | .36 | 3 | 0,7 | .39 |
| | Total | 1751 | 77,4 | <i>Input</i> 0.800 | 478 | 21,1 | <i>Input</i> 0.186 | 34 | 1,5 | <i>Input</i> 0.010 |
| | | <i>Signif.</i> 0.047 | | | <i>Signif.</i> 0.023 | | | <i>Signif.</i> 0.026 | | |

As sequências dialogais são as que mais favorecem a dupla negação, com peso relativo de .78 e a negação pós-verbal, com .83. Nas entrevistas do PortVix há muitas trocas de turno, caracterizando situações mais interativas entre o entrevistador e o entrevistado. As situações interativas com alternância entre os interlocutores, características dos diálogos, favorecem fortemente as variantes não canônicas.

As sequências narrativas e as argumentativas geralmente são mais longas e com poucas trocas de turno. Nessas sequências, o falante discorre sobre fatos ou histórias vivenciadas ou não por ele, ou ainda, no caso das sequências argumentativas, direciona a atividade da fala para demonstrar, justificar ou refutar uma tese, por meio de conhecimentos fundamentados com o objetivo de convencer seu interlocutor. Essas sequências, respectivamente, tendem a favorecer a negação pré-verbal com pesos relativos de .58 e .63.

Nas sequências avaliativas, que expressam uma avaliação subjetiva do falante sobre determinado assunto, há um leve favorecimento às formas não canônicas, com pesos relativos de .54 para a dupla negação e .56 para a negação pós-verbal.

Essas sequências, de acordo com Paredes Silva (1997, p. 89), “parecem estar relacionadas ao grau de subjetividade humana subjacente à atividade da fala, aos recursos de expressividade”. Nesse sentido, o falante tende a mostrar seu ponto de vista de uma forma mais branda, sem necessariamente buscar o convencimento de seu interlocutor sobre o que está sendo dito. Dessa forma, as formas não canônicas cumprem uma função mitigadora em que o falante usa sentenças negativas, mas procura suavizar a negação, demonstrando um maior envolvimento emocional e mais proximidade com relação ao conteúdo negado.

4.2 Ausência ou presença de Marcadores Conversacionais

Marcadores Conversacionais são recursos que “servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc” (MARCUSCHI, 1986, p. 61). De acordo com Urbano (1993, p. 85), “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal.” Assim, esses elementos estabelecem elos coesivos visando a manter a interação falante/ouvinte, auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2007, p. 2).

Na correlação da presença desses recursos e o uso das variantes no *corpus* analisado, observamos que a ocorrência do *não* em posição pós-verbal é bastante restrita na presença de marcadores conversacionais do tipo interacional (*checking*), bem como a dupla negação. Essa variável mostrou-se de grande importância apenas para a negação pré-verbal, conforme vemos na tabela 3.

Tabela 3: Efeito da ausência/presença de marcador conversacional sobre as variantes

| | | PRÉ-VERBAL rodada 1 | | | DUPLA NEGAÇÃO rodada 2 | | | PÓS-VERBAL rodada 3 | | |
|----------|----------|------------------------|------|-----|---------------------------|------|-----|------------------------|-----|--------------------|
| Grupo | Fatores | N | % | PR | N | % | PR | N | % | PR |
| Marcador | Ausência | 1621 | 76,4 | .48 | 469 | 22,1 | .52 | 32 | 1,5 | (.50) ⁴ |
| | Presença | 130 | 92,2 | .79 | 9 | 6,4 | .20 | 2 | 1,4 | (.47) |

⁴Os pesos relativos apresentados entre parênteses são relativos à primeira rodada do *steppingdown*.

| | | | | | | | | | | |
|---------------------|-------|----------------------|------|-----------------------|----------------------|------|-----------------------|----|-----|---|
| Conversa- cional | Total | 1751 | 77,4 | <i>Input</i> 0.800 | 478 | 21,1 | <i>Input</i> 0.186 | 34 | 1,5 | - |
| | | <i>Signif.</i> 0.047 | | | <i>Signif.</i> 0.023 | | | - | | |

Podemos acrescentar que os *checkings* aparecem ao final da sentença, na posição que seria ocupada pelo segundo (como em *não*, ex: *eu não tenho vontade de votar mais sabe?*), o que, ao que tudo indica, contribui para a diminuição do emprego de dupla negação e de negação pós-verbal.

4.3 Ausência ou presença de Reforço Negativo

O reforço negativo operado pelas palavras *nada, ninguém, nem, nenhum, nunca, nem nada* em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença configura-se como uma concordância negativa, uma vez que um não cancela o outro, mas juntos expressam uma única negação (MIOTO, 1992; POLÁŠEK, 2010).

O fato de haver na sentença outro termo negativo juntamente com o advérbio *não* contribui para inibir o uso de mais um *não* na oração, uma vez que esse termo negativo já contém em si uma negação. Dessa forma, o uso reforço negativo não deve favorecer o uso de negação de dupla negação, uma vez que, caso ocorresse, haveria três elementos negativos na sentença.

Tabela 4: Efeito da ausência/presença de reforço negativo sobre as variantes

| | Fatores | PRÉ-VERBAL | | | DUPLA NEGAÇÃO | | | PÓS-VERBAL | | |
|---------------------|----------|------------|------|-----------------------|---------------|------|-----------------------|------------|-----|-------|
| | | N | % | PR | N | % | PR | N | % | PR |
| Reforço negativo | Ausência | 1484 | 76,1 | .48 | 438 | 22,5 | .52 | 28 | 1,4 | (.49) |
| | Presença | 267 | 85,3 | .63 | 40 | 12,8 | .36 | 6 | 1,9 | (.58) |
| | Total | 1751 | 77,4 | <i>Input</i> 0.800 | 478 | 21,1 | <i>Input</i> 0.186 | 34 | 1,5 | - |

| | | | | |
|--|--|----------------------|----------------------|---|
| | | <i>Signif.</i> 0.047 | <i>Signif.</i> 0.023 | - |
|--|--|----------------------|----------------------|---|

Da mesma forma que a variável ausência ou presença de marcador conversacional (item anterior), esta variável também se mostrou um fator relevante estatisticamente apenas para a negação pré-verbal.

4.3 Status informacional do discurso

Conforme já mencionado, o emprego das formas não canônicas está correlacionado a restrições discursivo-pragmáticas (SCHWENTER, 2005).

Os resultados para a variável *status* informacional do discurso revelam que a negação pós-verbal é favorecida pela ativação direta das proposições. Em outras palavras, verificamos que o *status* evocado é de extrema importância para a realização da negação pós-verbal, conforme podemos verificar na tabela 5.

Tabela 5: Efeito do *status* informacional do discurso sobre as variantes

| | | PRÉ-VERBAL | | | DUPLA | | | PÓS-VERBAL | | |
|--|--|------------|----------|-----------|----------|----------|-----------|------------|----------|-----------------------|
| | | rodada 1 | | | NEGAÇÃO | | | rodada 3 | | |
| Grupo | Fatores | N | % | PR | N | % | PR | N | % | PR |
| Status informaci -onal do discurso | Evocado (diretamente ativado) | 496 | 75,7 | (.50) | 142 | 21,7 | (.49) | 17 | 2,6 | .64 |
| | Inferível (ativado de forma indireta) | 1255 | 78,0 | (.50) | 336 | 20,9 | (.50) | 17 | 1,1 | .44 |
| | Total | 1751 | 77,4 | - | 478 | 21,1 | - | 34 | 1,5 | <i>Input</i> 0.010 |
| | | | - | | | - | | | | <i>Signif.</i> 0.026 |

Embora haja negação pós-verbal com proposições inferíveis, os resultados da tabela 7 reforçam a hipótese de Schwenter (2005) de que a negação pós-verbal estaria atrelada à ativação direta, pois, de fato, o ambiente mais propício para o emprego dessa estrutura negativa é aquele com proposições evocadas, conforme ilustra o exemplo (5) abaixo:

(5) E1- Você **conhece**?

Falante.:**Conheço não**. Essa aí não.

A opção de manter as três variantes na análise e testar esquemas analíticos binários a partir de uma variável enéaria revelou que o *status* informacional do discurso é uma variável importante para a negação pós-verbal e que as informações evocadas privilegiam sua ocorrência.

5 A NEGAÇÃO NO PB COMO MARCA DE REGIONALIDADE

As diferentes formas de realização da negação no PB foram tema de alguns estudos de diferentes perspectivas teóricas (RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2000; ALKIMIM, 2001; ROCHA, 2013; GOLDNADEL et al, 2013). Esses estudos mostram a distribuição de uso das estruturas negativas em diferentes variedades linguísticas e nos permitem verificar o alinhamento da variedade capixaba com outras variedades do PB.

Na Tabela 6, apresentamos os resultados de oito localidades urbanas, incluindo-se Vitória/ES. Os dados apresentados são oriundos das pesquisas de Roncarati (1996), sobre a cidade de Fortaleza (CE); Furtado da Cunha (2000), sobre a cidade de Natal (RN); Alkmim (2001), sobre a cidade de Mariana (MG); Rocha (2013), sobre a cidade de São Paulo (SP) e Goldnadel et al. (2013), sobre as cidades de Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). Essas pesquisas foram realizadas com amostras compostas por entrevistas, sendo uma delas, a de Natal, composta por uma amostra conversacional, conforme Furtado da Cunha (2000).

Tabela 6: Distribuição da negação sentencial em diferentes variedades linguísticas

| Cidade | Pré-verbal | | Dupla negação | | Pós-verbal | |
|----------------|------------|------|---------------|------|------------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| Vitória (ES) | 1751/2263 | 77,4 | 478/2263 | 21,1 | 34/2263 | 1,5 |
| Fortaleza (CE) | 625/774 | 77,0 | 149/774 | 18,0 | 39/774 | 5,0 |

| | | | | | | |
|---|-----------|------|----------|------|---------|------|
| Natal (RN) | 308/466 | 66,1 | 96/466 | 20,6 | 62/466 | 13,3 |
| Conversacional Mariana (MG) ⁵ | 1787/2505 | 71,5 | 489/2505 | 19,5 | 40/2505 | 1,5 |
| São Paulo (SP) | 5279/5607 | 94,0 | 354/5607 | 5,8 | 4/5607 | 0,2 |
| Florianópolis (SC) | 1018/1065 | 95,6 | 47/1065 | 4,4 | - | - |
| Curitiba (PR) | 1371/1408 | 97,4 | 37/1408 | 2,6 | - | - |
| Porto Alegre (RS) | 1402/1410 | 99,4 | 8/1410 | 0,6 | - | - |

Embora a negação pré-verbal seja a mais frequente em todas as variedades, verificamos uma grande incidência de dupla negação na região nordeste e em parte da região sudeste. Há, também, frequência de uso pequena, porém significativa, de negação pós-verbal no nordeste, especialmente em Natal, cuja amostra é baseada em entrevistas de caráter conversacional. Na região sul e na cidade de São Paulo, notamos a predominância de negação pré-verbal em quase 100% dos dados, revelando tratar-se de variedades mais próximas a formas canônicas.

Na variedade de Vitória/ES, a dupla negação representa 21,1% do total de 2263 dados analisados. Esse percentual assemelha-se aos índices encontrados em estudos relativos a cidades nordestinas, como Fortaleza 18% (RONCARATI, 1996) e Natal 20,6% (FURTADO DA CUNHA, 2000), e à cidade de Mariana (MG) – 19,5% (ALKMIM, 2001). Distancia-se, entretanto, dos resultados encontrados na cidade de São Paulo, que apresente 5,8% de dupla negação (ROCHA, 2013), e variedades da região sul..

Em linhas gerais, mesmo que os resultados não representem toda a imensidão do território brasileiro, podemos dizer, com base nos estudos apresentados, que a diferença geográfica é um fator relevante na distribuição das sentenças negativas. Os dados das regiões nordeste e sul revelam um contraste entre os usos das formas não canônicas: a negação pós-verbal não ocorre na região sul. Já na região sudeste, observamos que as cidades de Vitória/ES e Mariana/ES apresentam índices semelhantes aos das cidades nordestinas para a dupla negação, o que não ocorre na cidade de São Paulo/SP, onde essa variante é pouco produtiva.

⁵Alkmim (2001) considerou também estruturas negativas formadas por (item negativo + SV – Ex.: **Nunca** fui ao dentista.), que correspondem a 7,5% de ocorrências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos o uso das estruturas de negação no português falado em Vitória/ES a fim de ampliarmos os estudos sociolinguísticos sobre essa variedade e a situarmos no cenário do português brasileiro.

Entre as restrições mais importantes que atuam sobre o uso das formas não-canônica, destacam-se as discursivas. Entre elas, o *status* informacional do discurso, já que as informações novas só admitem a negação pré-verbal. Além disso, esta variável mostrou-se significativa para a negação pós-verbal, que é fortemente favorecida em ambientes com informação diretamente ativada.

Verificamos, também, que o tipo de sequência discursiva é extremamente importante. Os diálogos são sequências que favorecem a dupla negação e a negação pós-verbal, ao passo que as sequências mais longas e com poucas trocas de turno, como as narrativas e as argumentativas, favorecem a negação pré-verbal.

Outro fator de natureza discursiva que exerce grande influência é a presença de reforço negativo: o uso das palavras negativas *nem, nenhum, nunca, ninguém, nada e nem nada*, em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença, configura-se como uma concordância negativa que resulta em uma única negação, porém reforçada pela presença de um outro item negativo, e contribui para a diminuição de dupla negação.

Os marcadores conversacionais do tipo interacional (*checking*): *né?, entendeu?, sabe?*, que são discursivos, são importantes restrições no uso da dupla negação. Entendemos que sua atuação pode também ser considerada como um fator de natureza discursivo-sintática, uma vez que, por ocuparem a mesma posição do segundo *não* na sentença, sua ocorrência diminui a frequência de dupla negação.

Um dos objetivos elencados nesta pesquisa foi ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a variação da negação no cenário do PB. Os resultados revelaram que a dupla negação é uma tendência na fala do capixaba, atingindo um percentual de 21,1% dos 2263 dados analisados. Nossos resultados se aproximam dos resultados encontrados nas regiões nordeste - em Natal (20,6%) e Fortaleza (18%) -, sudeste - em Mariana/MG (19,5%), e se afastam dos obtidos na cidade de São Paulo (5,8%) e da região sul - Curitiba (2,6%), Florianópolis (4,4%) e Porto Alegre (0,6%), onde predomina a negação pré-verbal.

A partir desses resultados, verificamos que a frequência de dupla negação nas regiões nordeste e sudeste, exceto na cidade de São Paulo, é significativo.

A capital capixaba localiza-se em um espaço intermediário entre as regiões nordeste e sul, apresenta uma inclinação ao emprego da dupla negação e uma simetria com as capitais nordestinas com relação a essa variante.

Já a negação pós-verbal é uma variante mais comum na fala nordestina e seu uso é mais restrito em Vitória e nas demais variedades apresentadas, nem sendo usada nas cidades sulistas.

De modo geral, esses resultados parecem indicar que o aspecto geográfico é um fator relevante no uso das variantes da negação. As pesquisas apresentadas são provenientes de amostras compostas por entrevistas de base sociolinguística, sendo uma delas, a de Natal/RN, composta por uma amostra conversacional. Verificamos algumas diferenciações com relação às variáveis consideradas nas análises, contudo, nosso objetivo principal foi observar a distribuição de uso das estruturas de negação em diferentes variedades linguísticas.

Acreditamos que os resultados obtidos tenham sido relevantes para a compreensão das restrições que atuam na variação das estruturas de negação e, também, para situar a fala capixaba no cenário nacional.

Referências

ALKMIM, Mônica. G. R. As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

FREITAG, Raquel. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar* v. 4, nº 4 – p. 22-43, Jul/Dez de 2007. Disponível em 200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_22_43.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO (Org.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Variação e mudança no domínio funcional da negação. GRAGOATÁ, Niterói, 2000, n. 9, p. 155-170, 2. sem.

_____. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. DELTA, 2001, vol.17, no.1, p.1-30.

GOLDNADEL, Marcos, et al. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto Varsul. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 21, n 2, p. 35-74, jul./dez. 2013. Disponível em:

<www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/.../4558> Acesso em 20 de fev. de 2014.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Paper, nº 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação. São Paulo: Ática, 1986.

MIOTO, Carlos. Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, 1992.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros de discurso. In: Alfa revista de Linguística, São Paulo, 1997, v. 41, p. 79-98.

POLÁŠEK, Metoděj. Concordância negativa em português e a sua evolução. Études Romanes de Brno, 2010. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4363932.pdf> Acesso em 30 de jan de 2014.

ROCHA, Rafael Stoppa. A negação dupla no português paulistano. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado.

RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Orgs.) Variação e discurso. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, p. 97-112.

Sankoff, David; Tagliamonte, Sali; Smith, Elen. Goldvarb X - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHWENTER, Scott A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese, 2005. Disponível em: <http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/lingua.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2012.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) Análise de textos orais. São Paulo: FFLCHUSP, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YACOVENCO, Lilian C. et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. Revista Alfa, 2012, N. 56 (3): 771-806.

Artigo recebido em: 30/08/2016.

Artigo aceito em: 30/11/2016.

Artigo publicado em: 23/12/2016.